

Sarney diz que não aceita pressões

MARIA ROSA COSTA
Enviada especial

MANAUS — O presidente José Sarney surpreendeu, ontem, as pessoas que o ouviram no auditório do Palácio Rio Negro, pela maneira enérgica como refutou as críticas a seu governo. Ele trocou o tom conciliatório — até então empregado para justificar a demora no atendimento a certos setores — pela advertência de que “em nenhuma ocasião o presidente da República se submeterá a pressões para tomar decisões que não sejam corretas”.

Minutos antes, Sarney ouviu calado o discurso do presiden-

te da Associação Comercial de Manaus, Jorge Loureiro, que, quebrando o protocolo, leu em tom áspero 400 linhas de críticas ao governo, pela morosidade de resolver problemas da Zona Franca. Ele atribuiu ao presidente e a seus ministros “o caos” hoje vivido pelos amazonenses e, principalmente, pelos comerciantes da capital. Criticou os procedimentos administrativos da área econômica “pior do que a Velha República” e classificou como público e notório o contrabando no País”.

Nada disso estava previsto na programação da comitiva, pois Loureiro iniciou bruscamen-

te a leitura do documento, quando o locutor oficial já havia anunciado o pronunciamento do governador Gilberto Mestrinho.

Sarney, ladeado pelo ministro Roberto Gusmão, da Indústria e do Comércio, e pelo governador Gilberto Mestrinho, mostrou-se atento às colocações feitas pelo empresário. Mais tarde, no avião, quando retornava a Brasília, comentou que o representante dos comerciantes de Manaus “havia exagerado”.

Ao responder às críticas, o presidente extrapolou o contexto em que foram colocadas para, numa linguagem severa, pedir “seriedade para encarar o traba-

lho sério que o governo está fazendo”.

Ele condenou “o primarismo de reivindicações anárquicas”, tendo-as como uma agravante dos problemas enfrentados pelo governo, uma vez que as colocações foram feitas sem especificar a que reivindicações se referiram. O presidente argumentou que, mesmo ciente de que “é dever do presidente da República ouvir, mas nunca dizer palavras duras”, não poderia ficar omissos quando as acusações extrapolam o bom senso.

“Ninguém ignora as dificuldades que venho enfrentando. A herança de que ainda não pude-

mos nos libertar — nem pelo curto espaço de tempo no governo, nem pelo esforço e trabalho que tenho procurado imprimir às nossas tarefas — é ponto de estrangulamento que impede atender às aspirações mais justas e urgentes”, observou. Mantendo o tom exaltado, proclamou: “Temos problemas. Os empresários também devem ter problemas. E, mais que eles, o povo sofrido, desprotegido que não tem sido impaciente com o governo”.

Com relação às reivindicações dos comerciantes da Zona Franca, ele respondeu que nenhuma decisão diminuirá o âmbito daquela área, e a prova

maior é que já deferiu a prorrogação dos incentivos fiscais para a Zona Franca, sendo que os acertos finais estão em estudos. Ele advertiu que, ao contrário das reivindicações que acabara de ouvir, o governo, “no desempenho de suas responsabilidades, deve ter uma visão mais ampla da Amazônia, do que aquela movida por interesses setoriais, uma visão de que ela representa na vastidão de suas fronteiras, onde a presença do Brasil não deve ser apenas geográfica, mas humana”.

(Na página 30, outras informações sobre a viagem de Sarney a Manaus)